

Vivência inicial de acadêmicos de Enfermagem em ambiente hospitalar

HELENA RIBEIRO HAMMES; JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER²;
MARIANA FONSECA LAROQUE³;

¹Universidade Federal de Pelotas– helenahammes@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas– juzillmer@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- marianalaroque@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Formar um profissional orientado para a indagação, para a reflexão na ação, capaz de problematizar e, portanto não alienado; capaz de evitar o verbalismo, o congelamento do real, o formalismo, a adaptação às estruturas, a compartimentalização do saber que contribui para falta de domínio do processo, do produto e do sentido do próprio trabalho; não pode ficar alheia a essas expectativas colocadas pelo novo modo de produção (SORDI; BAGNATO, 1998, p.86).

A reflexão descrita pelos autores acima tem como objetivo elucidar a importância e necessidade da evolução na formação dos novos profissionais de enfermagem, visando à construção do saber embasadas no desenvolvimento de certas capacidades como observação, análise, crítica, autonomia no modo de pensar e na ampliação de horizontes para que cada indivíduo se torne o agente ativo nas transformações da sociedade, buscando interagir com a realidade a qual está inserido. Atualmente, observa-se a preocupação das instituições de ensino em oferecer aos alunos, desde o início do curso, situações de aprendizagem em contexto real como é o caso do ambiente hospitalar, um panorama diferenciado no que tange a organização curricular onde estes poderão confrontar teoria e prática ao longo do período acadêmico. Mudanças envolvem pessoas, valores, culturas e, especificamente no campo da saúde e da educação, envolvem também questões ideológicas, sociais, econômicas e históricas. Isso significa romper com “antigos paradigmas”, nesse caso o modelo biomédico para o humanizado, sem negar, entretanto, a historicidade das profissões, o acúmulo de conhecimentos e os modelos de atenção à saúde existente no país. As mudanças na formação exigem ainda novos desenhos curriculares focados em metodologias ativas de ensino e abordagem multidisciplinar fundamentada nas ciências humanas, sociais e biológicas (CHIESA, et al 2007). É com esse objetivo que a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (FEN/UFPel) modificou consideravelmente seu projeto político pedagógico e, conseqüentemente, o currículo do referido curso para que esse focasse especialmente no cuidado humanizado, na formação de profissionais que tenham uma visão holística a cerca dos pacientes, que o trabalho envolva o indivíduo como um todo e não somente a doença em questão.

Desse modo, se entende que o estágio curricular nos semestres iniciais de graduação e ainda, supervisionado, é um momento de especial importância no processo de formação tanto profissional quanto pessoal do acadêmico, pois o cenário da prática tem significativa influência no desenvolvimento de habilidades, técnicas e atitudes do estagiário de enfermagem, e que instituições de ensino visam à articulação entre o ensino e serviço, possibilitando uma visão ampliada e real dos procedimentos e da dinâmica da profissão no ambiente hospitalar (SILVA, 2011). Sendo assim, a inserção dos estudantes no campo prático gera dentre outras coisas, expectativas. Nesse contexto, por se tratar do primeiro contato com o serviço e as situações enfrentadas apresentarem-se como novidade o medo e a insegurança são vivenciados até que se atinjam alguns domínios básicos na dinâmica da equipe em que estão inseridos. Habitualmente, a ansiedade é provocada por um aumento esperado de tensão ou desprazer, podendo desenvolver-se quando a ameaça a alguma parte do corpo ou da psique

é muito evidente para ser ignorada, dominada ou descarregada. Quando somos colocados frente a novas situações, sob as quais não temos domínio e com as quais temos que lidar, experimentamos esse sentimento (DIAS, et al 2014). A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências de acadêmicos de enfermagem mediante a vivência inicial das práticas no ambiente hospitalar. Além disto, pretende-se descrever as expectativas, desafios encontrados ao longo do processo de ensino aprendizagem neste contexto.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência resultante da primeira vivência de acadêmicos de enfermagem do quarto semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Componente Unidade do Cuidado de Enfermagem IV: Adulto e Família – A. O referido componente foi cursado no período de março a junho de 2015. Neste componente o objetivo é proporcionar ao acadêmico de enfermagem o desenvolvimento de habilidades e competências para fornecer o cuidado ao adulto e família, durante a hospitalização. Além de oportunizar a construção de conhecimento para a identificação das necessidades em saúde, embasado na ética, na semiologia e semiotécnica, no processo de enfermagem e no conhecimento científico. Um dos cenários de vivência é o de prática supervisionada, o qual ocorre três dias na semana por quatro horas em instituições hospitalares de Pelotas. As experiências a seguir descritas foram desenvolvidas no Hospital Escola, da UFPel, especificamente numa Unidade de Clínica Médica que recebe exclusivamente pacientes do Sistema Único de Saúde.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder o objetivo proposto desenvolveu-se dois núcleos temáticos. O primeiro “*Contextualização do cenário de prática supervisionada*”; e o Segundo “*As experiências no cenário*” a seguir descritos.

Contextualização do cenário de prática supervisionada

A inserção dos acadêmicos na prática hospitalar, ou seja, o primeiro estágio curricular neste cenário, teve duração de aproximadamente quatro meses, sendo que as atividades foram desenvolvidas em 12 horas semanais. A supervisão das atividades estava sob orientação da professora, enfermeira, responsável pela prática supervisionada na Unidade de Clínica Médica do Hospital Escola da UFPel. O grupo era composto por seis alunos que foram sorteados no grande grupo e divididos entre os campos práticos disponíveis para o desenvolvimento das atividades de enfermagem.

As experiências no cenário

Inicialmente é necessário focar na palavra “expectativa”. Conceitualmente, ela é definida como sendo a esperança fundada em supostos direitos, probabilidades ou promessas. Levando em consideração que expectativa se relaciona com os projetos pessoais e profissionais, pode-se descrevê-la como um sentimento gerado quando o indivíduo aguarda uma atitude ou fato, seja ele de qual natureza for, impondo algum nível de esperança (DIAS, et al. 2014). Esse e outros termos como a ansiedade lideram os sentimentos dos alunos que passam pelo primeiro estágio curricular, neste caso especificamente no ambiente hospitalar. Isso porque, o estágio, nos antigos métodos de formação, por muitas vezes, era a última oportunidade de os alunos sanarem as suas dúvidas, colocar em prática todo o seu conhecimento teórico e aprimorar as técnicas desenvolvidas em salas de aula e laboratórios. Entretanto, com a evolução do ensino, tem-se o andamento conjunto da teoria e prática, pois conforme o seguimento das disciplinas abordadas o estágio entra como complemento do

aprendizado. Dessa forma, as atividades práticas não se limitam apenas ao aperfeiçoamento das técnicas e procedimentos, mas sim, têm como intuito desenvolver no aluno a capacidade de entendimento pessoal, auxiliando-o a reconhecer e manifestar a sua própria identidade profissional. Portanto, esse campo de estudo propicia aos alunos a construção de uma opinião crítica e uma reflexão das formas de atuação profissional, contribuindo para posteriores tomadas de decisões mais conscientes e adequadas à realidade de cada instituição (DIAS, et al. 2014).

Ao primeiro contato com a equipe, com a professora e com os pacientes a euforia toma conta, nos sentimos felizes, encorajados, emocionados por vivenciar o tão esperado momento de entrada em um ambiente hospitalar como aprendizes da área que escolhemos trabalhar. Tudo é novidade, e mais uma vez, a esperança nos contagia no intuito de fazer a diferença para os que ali necessitam. Esperança essa, de tentar reproduzir esse cuidado humanizado que aprendemos e exercitamos dia a dia na Universidade. As teorias e suas “teóricas” que nos são apresentadas como referência, que nos mostram caminhos diferentes para chegar a um mesmo cuidado, Florence Nightingale com a sua trajetória de luta pelos enfermos, Vanda Aguiar Horta com as necessidades humanas básicas, além de Dorotéia Oren com o cuidado transcultural, aquele em que se aceitam alternativas de cuidar, em que se leva em consideração a vivência de cada paciente, de cada familiar; isso é diversidade, é possibilidade de abertura de novos horizontes tendo em vista nossa criticidade e reflexão diante das problemáticas enfrentadas nos serviços de saúde. Nossa primeira impressão em relação à equipe de Enfermagem é que exercem um trabalho baseado na demanda, realizando as intervenções e técnicas necessárias a cada paciente, necessitando atentar mais ao indivíduo como uma vida que precisa de acompanhamento, escuta terapêutica e dedicação na sua integralidade.

Em segundo lugar, não é implementada a Sistematização da Assistência de Enfermagem, e apesar de a equipe ser multidisciplinar, dificilmente percebe-se ações interdisciplinares e, portanto, a comunicação e o trabalho em conjunto ficam prejudicados. Os aspectos positivos estavam centrados principalmente nas atividades que conseguimos realizar além das demandas diárias da unidade, ou seja, a anamnese (entrevista) detalhada, exame físico completo, escuta terapêutica (dos pacientes e seus cuidadores), diagnósticos de enfermagem, registros de enfermagem e plano de cuidados focado nas necessidades de cada indivíduo.

A expectativa que falamos no presente trabalho começou quando nos preparávamos na sala de reuniões, juntamente com a professora responsável, para assumir os cuidados aos pacientes selecionados no dia. Isso porque, o primeiro contato com o prontuário do paciente, com as anotações ali desenvolvidas pelos demais profissionais, a execução da prescrição médica e a interação propriamente dita com os pacientes agora estavam sobre a nossa responsabilidade. O “frio na barriga”, os corredores movimentados, os murmúrios de cada membro da equipe que corria entre um procedimento e outro, a ansiedade dos colegas e professor, as vidas que estavam em nossas mãos; foram misturados com a adrenalina e se fizeram presentes no percurso até a chegada às enfermarias, e nesse trajeto, diante da roupa branca, do jaleco com a identificação de cada acadêmico e da vontade de cada um de fazer o seu melhor, eis que os seis alunos enfrentaram seus medos, desviaram suas angústias e superaram suas expectativas quando as palavras suaves de respeito entoaram “como canção” para cada um dos nossos pacientes naquela tarde de março. Após os primeiros contatos, que engloba desde a apresentação, a ética, a solidariedade

e respeito para com os pacientes é que nos foi questionado a importância de um elemento aparentemente simples, mas que no processo se torna essencial, a comunicação. Para Stefanelli (1993), a comunicação enfermeiro-paciente é denominada comunicação terapêutica, pois tem o propósito de identificar e atender as necessidades de saúde do paciente e contribuir para melhorar a prática de enfermagem, ao criar oportunidades de aprendizagem e despertar nos pacientes sentimentos de confiança, permitindo que eles se sintam satisfeitos e seguros.

A partir desse ponto, da comunicação, abrimos portas para as próximas etapas, que são mais difíceis para nós acadêmicos, mas que diante de uma boa relação com o paciente são facilitadas em termos de autoconfiança para realização. As técnicas de Enfermagem mais presentes e executadas neste semestre envolve procedimentos como punção venosa, curativos, cuidados com drenos e ostomias, cálculo e administração de medicamentos, soroterapia, cateterismo vesical, sondagem nasogástrica e nasoentérica, e demais procedimentos que ficam sob decisão do docente responsável pelo estágio.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do semestre passamos momentos difíceis, principalmente com as técnicas, muitas inseguranças, medos, falhas, acertos, aprendizados durante esses meses de Unidade de Clínica Médica. Porém, os desafios fizeram de nós acadêmicos mais maduros e certos da escolha pela enfermagem. Essa que é uma profissão tão diversificada, pois atuamos em todos os sentidos e permeamos por todas as áreas da saúde. Desafios são objetivos a serem traçados ao longo da formação e da vida. Somos desafiados a ser melhores, a buscar pelo cuidado diferenciado no sentido de todas as pessoas receberem tratamento como iguais, prestar atenção nos detalhes, nas minúcias, aprofundar nossa bagagem teórica. Além disto, servir como espelho para as próximas gerações e definitivamente realizar trabalho em conjunto, aos poucos, almejando que esse país atinja um nível satisfatório no que tange a saúde, não porque estamos esperando que um dia a classe governamental evolua, mas porque cada um deseja evoluir dentro do seu campo de trabalho, da profissão escolhida, que nos preocupemos mais com o que é de nossa competência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNATO, M.H.S. Subsídios para uma formação crítico-reflexiva na área da saúde: o desafio da virada do século. **Revista latino- am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v.6, n.2, p. 83-88, abril 1998.

CHIESA, A.M.; NASCIMENTO, D.D.G; BRACIALLI, L.A.D; OLIVEIRA, M.A.C.de.; CIAMPONE, M.H.T; A formação de profissionais da saúde: aprendizagem significativa à luz da promoção da saúde. **CogitareEnferm**, São Paulo, v.12, n.2, p.236-40, Abr/Jun 2007.

DIAS, E. P. et al . Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v.31, n.94, 2014.

SILVA, W. R. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 41, n. 143, p. 582-605, Ago. 2011.

STEFANELLI, M. C. **Comunicação com paciente teoria e ensino**. São Paulo: Robe editorial, 1993.